ENTRE IMAGENS E PALAVRAS: FRONTEIRA(S) E EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA

FLAVIANA GASPAROTTI NUNES

Professora da UFGD

flaviananunes@ufgd.edu.br

O imponderável da fronteira encontra-se nos acontecimentos possíveis de sua transigência que, no lugar de delimitar um território qualquer, estende a sua cartografia por passagens que, em um dado momento, mesclam e combinam com(posições) de espaço e de tempo. A fronteira é uma ficção, portanto. É um nome dado a linhas abstratas que, na realidade, não existem como são; turvamento contínuo do que lhe escapa incessantemente: microfísica de mobilidades contínuas. (Souza; Carvalho, 2010, p. 114)

Delimitando intenções desta escrita

A fronteira é uma ficção. Esta afirmação presente de forma conclusiva na epígrafe que abre este texto é aqui destacada como uma espécie de “provocação” a partir da qual mobilizaremos algumas ideias no sentido de problematizar a concepção de fronteira ainda muito presente na Geografia, sobretudo em âmbito escolar.

Para o geógrafo francês Claude Raffestin (2005), a fronteira possui um caráter polissêmico e dinâmico que não se restringe ao sistema territorial¹. Em seus dizeres: “A fronteira não é uma linha, a fronteira é um dos elementos da comunicação biossocial que assume uma função reguladora. Ela é a expressão de um equilíbrio dinâmico que não se encontra somente no sistema territorial, mas

1 Raffestin (1993) concebe o território como um sistema formado por tessituras, nós e redes. As tessituras são constituídas por malhas/regiões, os nós são entendidos como pontos/localidades e as redes se estabelecem por ligações entre esses pontos/localidades. Este sistema é resultante das relações de poder do Estado, das empresas e outras organizações e dos indivíduos. Desta forma, para esse autor, o sistema territorial se apresenta como uma produção já elaborada, apesar de suscetível a mudanças.

em todos os sistemas biossociais” (Raffestin, 2005, p. 13). Na mesma direção, Barroso (2018, p. 6) entende a fronteira como um lugar difuso que não circunscrito às limitações geográficas, mas que se amplia a todos os espaços onde se encontram as diferenças e surgem possibilidades de conhecimento, convivência e colaboração entre duas ou mais realidades diferentes.

Souza e Carvalho (2010, p. 14), por sua vez, apontam que a fronteira estende a sua cartografia por passagens que, em um dado momento, mesclam e combinam com (posições) de espaço e de tempo. Assim, destacam o caráter dinâmico e fluído da fronteira, que não se limita à dimensão espacial, mas como afirmam os autores, combina posições e composições temporais e espaciais.

No que se refere ao entendimento dessa dimensão espacial, podemos citar Galeffi ao afirmar que:

Sendo polissêmica, a fronteira é sempre um lugar marcado por signos de identidade e diferença, signos que apontam para o mesmo e para o outro, o “meu” e o do “outro”. Como lugar, ocupa sempre espaço, seja ele geográfico, epistêmico, político e cultural. O espaço é, neste caso, uma dimensão da experiência dos corpos pertencentes ao mundo da vida. (Galeffi, 2018, p. 23)

O autor salienta como característica fundamental da fronteira os signos de identidade e diferença e propõe ampliar sua existência para outras dimensões espaciais que não só as geográficas. O geográfico, neste caso, pode se aproximar do que Raffestin denomina sistema territorial e, assim, evidenciar que para os autores citados, a fronteira não é simplesmente uma linha que delimita com precisão a divisão entre dois ou mais territórios².

Considerando estas compreensões que demonstram a necessidade de verticalização e ampliação da discussão sobre fronteira, principalmente na Geografia, questionamos: de que maneira(s) a Geografia enquanto disciplina e conhecimento escolar tem contri-

2 Além dos autores aqui citados, poderíamos elencar outros que contribuem para a discussão conceitual sobre fronteira como Martins (1997) e Albuquerque (2010), entre outros.

buído para a construção de ideias que fundamentam nossas concepções sobre fronteira?

Na tentativa de buscar respostas a este questionamento, neste texto, trazemos um conjunto de elementos obtidos em pesquisas realizadas em contextos escolares localizados em áreas de fronteira internacional³, bem como em materiais didáticos⁴, problematizando, em específico, imagens e narrativas referentes à ideia de fronteira.

Desta forma, num primeiro momento, discutiremos algumas narrativas que trazem elementos para pensarmos as concepções de professores de Geografia, alunos e pais de alunos que frequentam escolas fronteiriças, quanto à fronteira e seus sentidos. Na sequência, abordaremos imagens presentes em livros didáticos de Geografia analisando como essas contribuem para a construção de determinadas concepções de fronteira. Num segundo momento, apresentamos um conjunto de imagens elaboradas por alunos de escolas localizadas em contexto de fronteira internacional, imagens essas que demonstram outras possibilidades de conceber e imaginar esse espaço a partir de suas vivências e experiências. Assim, esperamos trazer aportes para problematizar a imaginação geográfica construída sobre a fronteira no contexto da Geografia escolar⁵.

3 Os projetos de pesquisa em questão são os seguintes: “Construções e representações do conceito de fronteira na fronteira Brasil-Paraguai: aportes para o ensino de Geografia” financiado pela FUNDECT (Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do estado de Mato Grosso do Sul) e “Interculturalidade e ensino de Geografia: um estudo a partir da fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul” financiado pelo CNPq (Editais 02/2010 e 014/2010).

4 Trata-se da pesquisa desenvolvida durante Estágio de Pós-Doutorado realizado junto ao Instituto de Geografia da Universidad de Buenos Aires no período de Março/2017 a Fevereiro/2018 sob supervisão da Dra. Verónica Hollman.

5 A geógrafa Doreen Massey (2017) afirma que muito da nossa “geografia” está na mente. Para a referida autora, nós carregamos conosco imagens mentais do mundo, desde o país em que vivemos até da rua ao lado. Tais imagens mentais, caracterizam o que a autora denomina imaginações geográficas. Assim, para Massey: “A reflexão geográfica deve tornar explícitas as ‘imaginações geográficas’ dos/das alunos/as e explorar de onde elas vêm. Eles/elas também devem expor contradições das imaginações geográficas em que grande parte da ‘sabedoria recebida’ e muitas questões geográficas fundamentam-se. A Geografia pode, assim,

Narrativas de/na fronteira: professores, alunos e pais de alunos de escolas fronteiriças

Neste tópico apresentaremos algumas narrativas extraídas dos trabalhos de Terenciani (2011) e Rosa (2014) realizados no âmbito dos projetos de pesquisa já referenciados e que nos trazem elementos para pensar como a Geografia enquanto disciplina escolar têm contribuído para a construção da ideia de fronteira, sobretudo em contextos de fronteira internacional⁶.

O trabalho de Terenciani (2011) objetivou identificar e analisar como a Geografia escolar tem considerado a diversidade cultural presente na fronteira Brasil-Paraguai, na cidade de Ponta Porã, em Mato Grosso do Sul, classificada como “cidade gêmea” de Pedro Juan Caballero, Departamento de Amambay, Paraguai. A autora realizou entrevistas com professores das escolas da cidade que possuíam número elevado de alunos residentes no Paraguai, buscando analisar os projetos político-pedagógicos das escolas, as concepções e posturas destes professores perante a realidade fronteiriça.

Para os objetivos deste texto, apresentaremos apenas algumas narrativas de professores de Geografia obtidas nas entrevistas realizadas pela referida autora. É importante salientar que a autora utilizou nomes fictícios para garantir o anonimato dos professores entrevistados, além do que “[...] o elemento da não identificação possibilitou que estes se manifestassem de forma mais aberta e à vontade durante as entrevistas.” (Terenciani, 2011, p. 20).

Nas narrativas a seguir, podemos perceber, a partir da forma como os professores de Geografia entrevistados se referem à presença de alunos de origem paraguaia na sala de aula, que a concepção de fronteira como separação e diferenciação entre o “eu” e o “outro” se evidencia:

“[...] Só que a partir do momento em que eles estão em escolas brasileiras, eles se dizem brasileiros, são brasileiros, documentadamente brasileiros e é assim que nós os vemos, não tem distinção entre o brasilei-

cumprir esse objetivo crucial da educação – questionar, ao invés de aceitar, sem mais reflexão”. (Massey, 2017, p. 40).

6 Em Nunes (2011, 2012 e 2015), podem ser encontradas maiores informações sobre os objetivos e resultados dos referidos projetos de pesquisa.

ro e o paraguaio, porque aqui na escola, os dois são brasileiros. Agora... continuam agindo como se fosse paraguaios... falam a língua deles dentro de sala de aula e isso é uma dificuldade para nós.” (Entrevista realizada com a professora Patrícia, concedida a Cirlani Terenciani em novembro de 2010). (Terenciani, 2011, p. 152).

“Eu penso e procuro sempre colocar eles na nossa cultura, não na deles, porque a partir do momento que eles estão na nossa escola e estudam no Brasil, eles vão ter que trabalhar de acordo com nossa cultura. Eu sempre falo para eles: está na escola brasileira, vai falar o português, vai seguir o nosso ritmo, agora lá no seu país vocês podem fazer o que achar que deve, agora aqui não, vão seguir nossas regras! (Entrevista realizada com a professora Patrícia, em novembro de 2010, concedida a Cirlani Terenciani). (Terenciani, 2011, p. 167).

“[...] no ano passado [2009], no 9º ano, os alunos só falavam o Guaraní. Tive que intervir... os professores não conseguem entender o que está sendo dito. Fui lá e falei pra eles não falarem mais o Guaraní, porque se estão aqui [na escola] são brasileiros e tem que se comportar como brasileiro [...]” (Entrevista realizada com a professora Roberta, concedida a Cirlani Terenciani em abril de 2010). (Terenciani, 2011, p. 152).

“[...] não existe projeto que tente trabalhar com esta diversidade, e isso parte também da direção da escola, que também não faz nada para se adaptar a isso, tá. [...] Como ele [o aluno] tem toda essa cultura paraguaia, acaba atrapalhando as aulas, porque ele está em contato com o que acontece no Paraguai e não no Brasil, né?” (Entrevista com o professor José, concedida a Cirlani Terenciani em novembro de 2010). (Terenciani, 2011, p. 152-153).

Nas narrativas desses três professores de Geografia percebemos com muita força a ideia de que o aluno paraguaio que frequenta a escola brasileira deve negar sua cultura, sua língua e suas origens porque tem que “se adaptar” à escola brasileira. Para esses professores, portanto, a fronteira separa e distingue culturas, apesar de propiciar contato entre elas. A fronteira define identidades pautadas quase exclusivamente na nacionalidade e as hierarquiza: o outro “atrapalha” as atividades em sala de aula e na escola.

Em seu trabalho, Rosa (2014) procurou identificar e analisar as características do ensino de Geografia no município de Coronel Sapucaia em Mato Grosso do Sul, que faz fronteira seca com a cidade paraguaia de Capitán Bado, Departamento de Amambay. Além de professores de Geografia e coordenadores pedagógicos das escolas do município, o autor também entrevistou alunos e pais de alunos paraguaios que frequentam essas escolas.

Nas narrativas desses sujeitos, podemos perceber elementos que se contrapõem e, de certa maneira, tensionam as concepções dos professores de Geografia destacadas anteriormente:

Teve uma aula que a professora começou a trabalhar a Guerra entre Brasil e Paraguai. É chato, pois os colegas brasileiros ficam se vangloriando que o Brasil foi vencedor, que “nós” fomos derrotados. Mas nossos pais contam que só perdemos esta guerra porque a Inglaterra financiou e forneceu armamentos para o Brasil, pois tinha interesse econômico no desfecho, só aparece nas aulas os heróis e combatentes brasileiros e os nossos nem aparecem, meu pai disse que houve muito sangue paraguaio derramado aí no chão do Mato Grosso do Sul, e que nem tem-se respeito por nosso povo que lutou na guerra. Outra desgraça para nós e aí falo enquanto aluno que precisa “tirar” nota para passar de ano em Geografia é quando a professora fala que este conteúdo será avaliado através de um trabalho, muitos de nós paraguaios relatamos em nosso trabalho o que conhecemos da guerra a partir de nossa história, aí já viu, é nota baixa na certa, e a professora ainda fala que

dará para a gente uma segunda chance, que procuremos nos livros brasileiros da biblioteca da escola o assunto. Como? Não entendemos nada do que está escrito nos livros por causa da língua, acabamos por ficar com nota baixa mesmo. Às vezes conversamos entre nós, principalmente porque os trabalhos são em grupo e somente paraguaios, os alunos brasileiros dificilmente fazem grupo com a gente, medo de tirar nota baixa e passar vergonha. Muitas vezes temos vontade de falar para a professora compreender nosso lado, mas, na fronteira não podemos ir de frente com a escola, nossos pais dizem que não podemos perder os benefícios que a escola nos oferece, muitos de nós só come na escola. (Entrevista realizada com um aluno de origem paraguaia, em novembro de 2013, concedida a Márcio Marques Rosa) (Rosa, 2014, p. 55).

Na fala deste aluno, sobressai a visão unilateral da história contada por um dos lados da fronteira. Além disso, evidencia-se o preconceito para com o outro, pois como paraguaio, o aluno não é ouvido pelos professores e pelos colegas de classe brasileiros. Assim como nas narrativas dos professores, destaca-se na fala do aluno a ideia de fronteira que só divide e não propicia trocas a partir do contato.

Da mesma forma, os pais desses alunos reforçam os preconceitos sofridos por seus filhos na escola, assim como por eles mesmos em situações de trabalho na fronteira:

“Meu filho não é visto como um aluno que precisa e merece ter um ensino de qualidade, meu filho é visto como um aluno que é do Paraguai e que portanto, vai viver de vender mercadorias ou cair no contrabando, lamento muito que o governo paraguaio não consiga avançar nas políticas educacionais e garantir escolas de qualidade para o povo paraguaio, para que meus filhos estudassem no Paraguai sem ter que atravessar a fronteira e ficarem sujeitados a um ensino que des-

conhece e desmerece nossa cultura e nossa história de vida.” (Entrevista realizada com uma mãe de aluno paraguaio, em setembro de 2013, concedida a Márcio Marques Rosa) (Rosa, 2014, p. 57-58)

“Outro dia “tava” trabalhando para um velho fazendeiro brasileiro e ele me perguntou se tinha filhos, disse que quatro e que todos estudavam em Coronel Sapucaia, ele falou que a filha dele era professora e que sempre comenta em casa que estes paraguaios são uns mortos-de-fome, que só estudam nas escolas brasileiras para comer e pegar o material, o racinha preguiçosa, só sabem plantar maconha, fazer farinha e mais nada. Mas, não somos preguiçosos, tava até trabalhando para ele, é verdade muitos paraguaios plantam maconha, mas outros não, eu não e mando meus filhos estudarem no Brasil por acreditar e ter esperança que vão se tornar homens com melhores condições e para ter melhores oportunidades. Como queria que meu país oferecesse escolas boas.” (Entrevista realizada com um pai de alunos paraguaios estudando no Brasil, em novembro de 2013, concedido a Márcio Marques Rosa) (Rosa, 2014, p. 58)

As narrativas aqui destacadas chamam atenção ao fato de que os professores de Geografia, embora trabalhem em escolas fronteiriças e vivenciem cotidianamente as relações da/na fronteira, manifestam e reproduzem em suas aulas uma ideia bastante simplista de fronteira: a fronteira é o que separa o lado de cá do lado de lá.

Além da ideia de separação, é possível identificar diversos preconceitos e discriminações em relação aos alunos de origem paraguaia nas escolas brasileiras fronteiriças: são chamados de “mortos-de-fome”, “preguiçosos” cujo futuro certamente será a marginalidade e o contrabando. Por meio das narrativas, sobressai a afirmação da fronteira como separação de “diferentes” que se traduz cotidianamente em desigualdade e preconceitos dentro e fora das escolas.

A fronteira nas imagens dos livros didáticos de Geografia

Além das concepções de fronteira dos professores de Geografia atuantes em escolas fronteiriças, expressas em suas narrativas, o material didático utilizado majoritariamente nessas escolas, assim como em todo o país, contribui para construir determinadas concepções sobre a fronteira.

Sustentamos esta afirmação em elementos obtidos em pesquisa sobre os livros didáticos de Geografia utilizados no Brasil e na Argentina. Na pesquisa, buscamos possíveis semelhanças e/ou diferenças entre esses materiais no que concerne à(s) ideia(s) de fronteira construída(s) por meio das imagens presentes nesses livros⁷.

Considerando o escopo deste texto, descreveremos algumas das imagens encontradas nos livros didáticos de Geografia brasileiros (mas que não diferem dos livros didáticos argentinos) quando esses abordam temas e questões relativas à fronteira.

Muros, cercas e grades são as imagens mais recorrentes nos livros didáticos de Geografia quando se trata de temas ou questões ligadas à ideia de fronteira. As fotografias de muros ou grades existentes em diversos lugares do mundo (com destaque para as da fronteira entre México e Estados Unidos que compõem em maior número) contribuem significativamente para construir a concepção de fronteira como limite, barreira e contenção. Outra imagem associada à fronteira presente nos livros didáticos de Geografia é aquela na qual se estabelece a relação entre a fronteira e o Estado Nacional destacada por elementos como os uniformes dos agentes federais ou policiais que, geralmente, aparecem em situações de controle e fiscalização da entrada e saída de pessoas e/ou mercadorias.

Também identificamos a presença de fotografias de pontes, estradas e vias de acesso nas quais destacam-se placas de boas vindas aos ingressantes no país. Tais imagens remetem à ideia da fronteira como possibilidade de contatos, intercâmbios ou mesmo integração entre dois ou mais países. No entanto, deve-se salientar que, neste caso, há maior ênfase nos aspectos comerciais do que nos intercâmbios culturais, sociais e humanos.

7 Para mais detalhes sobre a metodologia e resultados da pesquisa, ver Nunes (2019).

Imagens de obeliscos que demarcam os limites precisos entre um lado e outro da fronteira, ou seja, a identificação sobre onde é o fim de um território e o início de outro, também foram encontradas nos livros didáticos de Geografia associadas à ideia de fronteira. As fotografias em que aparecem os símbolos nacionais, sobretudo bandeiras, além de servirem como forma de delimitar o início e fim dos territórios, reforçam a ideia de identidade nacional relacionada à fronteira na medida em que remetem, imediatamente, ao pertencimento a um ou outro lado da fronteira.

Sendo assim, se tomarmos como referência o conjunto de imagens relativas à fronteira presentes nos livros didáticos de Geografia, podemos afirmar que essas contribuem para a construção e fixação da ideia de fronteira como limite, barreira, separação de lados, bastante associado ao caráter estatal, burocrático e controlador da mobilidade das pessoas. (Nunes, 2019, p. 161)

A partir de palavras que constituem as narrativas de professores e das imagens que educam nosso olhar nos livros didáticos, percebemos uma fronteira que se restringe à ideia de separação de diferentes. Pode-se dizer, portanto, que é essa a concepção de fronteira majoritariamente construída no âmbito da Geografia escolar.

Outras imagens: múltiplos sentidos de fronteira

Até este momento, procuramos evidenciar, por meio das narrativas de professores e de imagens presentes nos livros didáticos, como a Geografia escolar contribui para a construção de uma determinada concepção sobre a fronteira.

No intuito de tensionar as imagens relativas à fronteira predominantes nos livros didáticos de Geografia, neste tópico apresentaremos outras imagens de fronteira elaboradas por alunos do Ensino Médio do município de Amambai, estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, localizado na faixa de fronteira entre Brasil e Paraguai presentes no trabalho de Michenco (2011)⁸. O autor assim contextualiza seu trabalho:

8 Em sua dissertação de mestrado, Michenco (2011), com base na teoria das representações, procurou analisar as representações de fronteira de alunos do 3º ano do Ensino Médio de escolas públicas localizadas no município de Amambai (MS).

Nesse sentido, pensar/fazer a geografia, pensar/compreender a fronteira e o ser/estar fronteiriço a partir da análise de alunos de nível médio, nos permite compreender a realidade vivida, porque na escola estão todos os saberes/fazer, portanto, nos permite viver a geografia, seus saberes e dizeres. Por exemplo, no município em questão, localizado nos limites “Brasil-Paraguai” vivenciamos um conjunto de mediações e diversidades de línguas (português, espanhol e guarani) e de práticas culturais mescladas (polca paraguaia, tereré, chimarrão, churrasco, entre outras) que enriquecem o “ser da fronteira”, havendo subsídios para uma investigação científica e até mesmo a necessidade de estudos que investiguem essa realidade.

Além disso, a construção e/ou delimitação fronteiriça envolve a definição do ser/estar de cada um: ser brasileiro, ser paraguaio implica em registrar onde você está e quem você é. Para quem vive como nós “na fronteira”, ser um ou ser outro é uma condição definitiva (nacionalidade) que permite mobilidade, uma vez que se o registro civil de cada um define qual o lugar de pertencimento, o “ir e vir” “de lá para cá e de cá para lá”, nos limites internacionais, nos mistura e confunde ao mesmo tempo em que nos identifica. (Michenco, 2011, p. 13-14)

As imagens elaboradas pelos alunos em forma de desenhos nos permitem analisar como os próprios estudantes percebem e significam a fronteira para além das convenções cartográficas ou mesmo da concepção mais restrita de limite político-administrativo.

Nos desenhos das Figuras 1 e 2, podemos perceber que, de forma geral, para os alunos autores dos desenhos, ainda prevalece a concepção de fronteira como separação entre territórios nacionais (Brasil e Paraguai). No entanto, merece atenção o fato

de, no desenho da Figura 2, o aluno destacar um objeto (guampa de tereré, bebida feita com a infusão da erva-mate em água fria), próprio da cultura fronteiriça, mas localizando-o apenas no território brasileiro.

Os estereótipos e preconceitos já destacados por meio das narrativas de professores, alunos e pais de alunos, também compõem nos desenhos conforme vemos nas Figuras 3 e 4. Na Figura 4, principalmente, o preconceito aparece de forma mais explícita na medida em que o aluno/autor resume sua ideia de fronteira à produção e tráfico de drogas ilícitas como a maconha.

Além de localizar-se na faixa de fronteira, outra característica importante do município de Amambai, onde a pesquisa foi realizada, é que sua população se constitui de um número significativo de indígenas. Desta forma, a vivência cotidiana dos alunos é marcada pela presença desses sujeitos e a consequente tensão que se estabelece entre indígenas e não indígenas. Muito provavelmente, por isso, no desenho da Figura 5, o aluno destacou as fronteiras étnicas que independem dos limites entre países.

Outro conjunto de desenhos demonstra como as experiências pessoais vivenciadas pelos alunos também contribuem para que a ideia de fronteira seja elaborada a partir de outras dimensões na medida em que destacam as relações entre céu e inferno, entre bem e mal e até as fronteiras (neste caso, pensadas enquanto obstáculo ou limite) para a realização de paixões e amores entre as pessoas. Nos desenhos das Figuras 6 e 7 é possível percebermos como os estudantes trazem suas ideias, projetam angústias, medos e decepções ampliando as concepções sobre fronteira.

Verificamos que os desenhos elaborados pelos alunos rompem com a concepção mais restrita de fronteira, aquela que delimita com precisão a divisão entre dois territórios político-administrativos, e expressam que as fronteiras são fenômenos sociais, plurais e dinâmicos, conforme apontado por Albuquerque (2010). Embora esses alunos estejam localizados do ponto de vista físico em uma área de fronteira internacional (que separa dois territórios político-administrativos), suas vivências e experiências contribuem para que pensem a fronteira em sua dinamicidade e pluralidade de sentidos.

Figuras 1 e 2 – Representação de fronteira feita por aluno do Ensino Médio

3- Ilustre uma imagem do que é fronteira

3- Ilustre uma imagem do que é fronteira

Fonte: Michenco (2011, p. 72 e p. 79)

Figuras 3 e 4 – Representação de fronteira feita por aluno do Ensino Médio

3- Ilustre uma imagem do que é fronteira

3- Ilustre uma imagem do que é fronteira

Fonte: Michenco (2011, p. 88 e p. 110)

Figura 5 - Representação de fronteira feita por aluno do Ensino Médio

Fonte: Michenco (2011, p. 74)

Figuras 6 e 7 - Representação de fronteira feita por aluno do Ensino Médio.

Fonte: Michenco (2011, p. 101 e p. 99)

Poderíamos considerar que pesquisa semelhante a de Michenco (2011) fosse realizada em distintos lugares, não necessariamente em municípios localizados em áreas de fronteira internacional. Os resultados poderiam ser os mesmos ou até muito parecidos. No entanto, o interessante é que, mesmo sendo “habitantes da fronteira” - o que poderia levá-los a destacar unicamente a separação de territórios - esses sujeitos a concebem num sentido muito mais plural.

Para além de um lugar geográfico, foi possível perceber que a fronteira, para esses alunos, de certa forma, tensiona (supera?) aquilo que a Geografia escolar comumente trabalha por meio de seus conteúdos e livros didáticos.

Ampliar fronteiras é preciso

Ao longo deste texto, procuramos demonstrar como a Geografia enquanto disciplina e conhecimento escolar tem contribuído para a construção de ideias que fundamentam nossas concepções sobre fronteira. Por meio das falas de professores de Geografia atuantes em escolas localizadas em áreas de fronteira internacional, bem como das imagens presentes nos livros didáticos, percebemos a afirmação da fronteirarestrita à ideia de separação de diferentes.

Assim, tem se construído, no contexto da Geografia escolar, uma imaginação geográfica que associa a fronteira a limites, barreiras e separação de lados diferentes. A fronteira, neste caso, ao contrário da afirmação destacada no início deste texto, não é uma ficção. Ela se reveste de materialidade em muros, cercas, barreiras, bandeiras, uniformes e agentes federais. Da mesma forma, a fronteira se revela na hierarquização de culturas, estigmatizações e preconceitos dentro da escola. Por outro lado, sendo uma ficção, a fronteira “escapa” e vai além deste sentido material, justamente por ser “[...] um nome dado a linhas abstratas que, na realidade, não existem como são; turvamento contínuo do que lhe escapa incessantemente: microfísica de mobilidades contínuas.” (Souza; Carvalho, 2010, p. 114).

As imagens elaboradas por alunos do Ensino Médio do município de Amambai mostram como a fronteira “escapa” deste sentido mais restrito, na medida em que nelas percebemos elementos que remetem aos múltiplos espaços (não só geográficos) enquanto

dimensão da experiência dos corpos pertencentes ao mundo da vida (Galeffi, 2018). Coloca-se, portanto, a necessidade e o desafio de problematizar as ideias de fronteira na educação geográfica instaurando outras possibilidades que estendam e ampliem sua cartografia para além dos limites, separações e distinções, construindo outras compreensões que considerem as múltiplas possibilidades de (com)posições de espaço e tempo.

Referências

- ALBUQUERQUE, José L. A dinâmica das fronteiras: os brasileiros na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo, Annablume, 2010.
- BARROSO, José M. Resignificando las fronteras. *Iberoamérica Social: Revista-red de Estudios Sociales IX*, 2018, p. 06-08.
- GALEFFI, Dante A. A fronteira como lugar geográfico, epistêmico, político e cultural: delineando sentidos e contrastes. *Iberoamérica Social: Revista-red de Estudios Sociales IX*, 2018, p. 23-26.
- MARTINS, José de S. Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.
- MASSEY, Doreen. A mente geográfica. *GEOgraphia*. Niterói, Vol.19, No 40, 2017, p. 36-40. Versão em português realizada por Ana Angelita da Rocha e Maria Lucia de Oliveira.
- MICHENCO, Sivaldo M. Representações da fronteira Brasil-Paraguai segundo alunos do 3º ano do Ensino Médio em Amambai (MS). Dissertação (Mestrado em Geografia). Dourados: Faculdade de Ciências Humanas - Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.
- NUNES, Flaviana G. Projetos de formação escolar para escolas em áreas de fronteira. *Revista da ANPEGE*, v. 7, p. 205-216, 2011.
- ____. Migração e integração nas escolas da fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul: reflexões a partir do ensino de Geografia. In: PEREIRA, Jacira H. do V.; OLIVEIRA, Marco A. M. de (Orgs.). *Migração e integração: resultados de pesquisas em Mato Grosso do Sul*. Dourados: Editora da UFGD, 2012, p. 75-88.
- ____. Narrativas docentes na/da fronteira: identidade, alteridade e diferença na prática de ensino e na formação de professores de Geografia. In: PORTUGAL, Jussara F.; CHAIGAR, Vânia A. M.

(Orgs.). Educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes. Salvador: Editora da UFBA, 2015, p. 139-154.

____. Imagens da(s) fronteira(s) em livros didáticos de geografia brasileiros e argentinos: o que existe além dos muros? *Punto Sur Revista de Geografia de la UBA*, v. 1, p. 144-165, 2019.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

____. A ordem e a desordem ou os paradoxos da fronteira. In: OLIVEIRA, Tito M. de (Org.) *Território sem limites: estudos sobre fronteiras*. Campo Grande, Ed. da UFMS, 2005, p. 09-15.

ROSA, Márcio M. Características e desafios do ensino de Geografia em área de fronteira: considerações a partir do município de Coronel Sapucaia (MS). Dissertação (Mestrado em Geografia). Dourados: Faculdade de Ciências Humanas - Universidade Federal da Grande Dourados, 2014.

SOUZA, Regina M. de; CARVALHO, Alexandre F.de. O que ou quem eu sou, afinal de contas? Sou brasileiro ou uruguaio, professor? *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 97-115, set./dez. 2010.

TERENCIANI, Cirlani. Interculturalidade e ensino de Geografia em escolas na fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul. Dissertação (Mestrado em Geografia). Dourados: Faculdade de Ciências Humanas - Universidade Federal da Grande Dourados, 2011.